

# O sertão reconstruído: mímesis e meio ambiente em *Grande sertão: veredas*

Victoria Saramago<sup>1</sup>

272

Em entrevista concedida a Pedro Bloch em 1963, João Guimarães Rosa declarou:

Você conhece os meus cadernos, não conhece? (...) Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. (...) Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo. (GUIMARÃES ROSA, 1989, p. 100)

Os referidos cadernos foram um componente fundamental das viagens de Guimarães Rosa, no início da década de 1950, ao sertão do noroeste mineiro, onde coletou informações que posteriormente integrariam o romance *Grande sertão: veredas* (1956), bem como novelas e contos.

---

<sup>1</sup> Victoria Saramago é professora adjunta de Estudos Hispânicos e Luso-Brasileiros na Universidade de Chicago. É autora de *Fictional Environments: Mimesis, Deforestation, and Development in Latin America* (Northwestern University Press, 2021) e de *O duplo do pai: o filho e a ficção de Cristovão Tezza* (É Realizações, 2013), além de artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e nos Estados Unidos, entre outros países. Este artigo é uma versão reduzida do primeiro capítulo do livro *Fictional Environments*.

Manchados pelo sangue do gado, pelo suor do cavalo ou pelas folhas esmagadas, esses cadernos e cadernetas são evidências da preocupação recorrente do autor com o potencial da literatura de aproximar palavras e coisas, ou, em suas palavras em uma entrevista posterior com Günter Lorenz, concretizar a ideia de que “literatura tem de ser vida” (LORENZ, 1983, p. 84). Esses traços referenciais, como Clara Rowland (2011) demonstrou em seu estudo da poética material de suas publicações, foram absorvidos pela materialidade de seus escritos.<sup>2</sup>

Desde a sua publicação, o sucesso de *Grande sertão: veredas* vem acompanhado de uma relativa atenção à área referencial em que o romance se passa. Os pássaros, bois e cavalos que outrora enchiam os diários de Guimarães Rosa permanecem poderosos elementos dos sertões rosianos, caracterizando a paisagem do Circuito Turístico Guimarães Rosa, por exemplo, apesar das extensas plantações de soja e eucalipto agora cobrindo a área. O Projeto Manuelzão, que leva o nome do emblemático vaqueiro da ficção de Guimarães Rosa, se dedica a fornecer uma plataforma para pesquisar a contaminação da bacia do rio das Velhas, educando a população sobre o risco ambiental e dando destaque à produção cultural local. O Parque Nacional Grande Sertão Veredas protege os buritis e veredas, tão presentes nas obras de Guimarães Rosa, da devastação causada pela monocultura e pelo crescimento urbano.

Essas e outras iniciativas celebram e buscam manter uma determinada versão do cerrado que necessariamente entra em conflito com as agudas transformações da região. Seja por uma abordagem pragmática dos problemas ambientais que a região enfrenta, seja por um viés idealizado que desvia o olhar do turista do que não cabe na paisagem rosiana, esses projetos reafirmam a persistência de um imaginário ambiental, baseado na ficção, que resiste e às vezes nega as transformações que vêm ocorrendo na região desde a publicação do romance. Por diversos meios, pretendem fazer a região imitar o sertão ficcional de Guimarães Rosa.

---

<sup>2</sup> Rowland discute como a preocupação de Guimarães Rosa com a materialidade de seus escritos está intensamente presente em sua ficção publicada por meio de sua atenção a projetos tipográficos. Para uma discussão do efeito mimético da materialidade textual de *Grande sertão: veredas*, cf. Saramago (2020).

Neste artigo, proponho que *Grande sertão: veredas* — e a obra rosiana em geral — têm atuado como agentes ambientais no noroeste de Minas Gerais nas últimas décadas. Em um período de acelerada mudança ambiental, a ficção estabelece uma imagem, incessantemente perseguida por tais iniciativas, do que o sertão real deveria ser. A agência desse romance não se separa do prestígio da obra de Guimarães Rosa; o que muitos críticos consideram a “universalidade” de sua ficção desempenhou um papel real na convicção de que sua área referencial do noroeste mineiro deveria ser preservada. Esses esforços para manter os sertões de Guimarães Rosa vivos levaram a uma mimesis ambiental reversa, em que intervenções em realidades concretas visam imitar mundos ficcionais. Falar do sertão mineiro como ambiente ficcional, portanto, significa considerar como as expectativas sobre o sertão a partir de sua representação na ficção se encaixam em ações diversas que usam a ficção como justificativa simbólica para enfrentar os efeitos do desmatamento e da urbanização.

### Entre o documento e a metafísica

274

Sem capítulos, fragmentos ou subdivisões, *Grande sertão: veredas* se desenvolve em um bloco narrativo, dividido apenas em parágrafos, através dos quais o fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo conta sua história de vida a um homem culto de uma cidade grande. As numerosas veredas da vida de Riobaldo geram uma multiplicidade de tramas e exploram uma variedade de gêneros narrativos.<sup>3</sup> Uma profusão geográfica ecoa essa profusão narrativa. As viagens constantes de Riobaldo e seu grupo pela região tecem uma rede geográfica ampla que se espalha em três estados e abrange centenas de topônimos, um sistema hídrico complexo e uma diversidade de plantas e animais. A geografia do romance, ademais, se assemelha a um labirinto devido à mistura de topônimos existentes com outros marcos geográficos.<sup>4</sup> Como afirma Riobaldo, “Desde o raiar da

<sup>3</sup> Ver Davi Arrigucci (1994) para uma discussão dos gêneros narrativos presentes no romance.

<sup>4</sup> Uma das primeiras tentativas de mapear *Grande sertão: veredas* foi feita em 1974, quando Alan Viggiano propôs uma tese polêmica: “Guimarães Rosa não inventou sequer um nome, em toda a toponímia utilizada na saga de Riobaldo Tatarana” (VIGGIANO, 1974, p. 21). Willi Bolle revisita a questão em um estudo detalhado da cartografia do romance que destaca sua dimensão labiríntica. Bolle mostra como a geografia ficcional de Guimarães

aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. A alma deles” (GUIMARÃES ROSA, 2006, pp. 287-88).

Desse excesso de topônimos, deslocamentos e localidades desconhecidas, o sertão surge como uma categoria que não só abarca e enfatiza a imensidão deste espaço e sua marginalidade social, econômica e política em relação ao resto do país, mas também lhe confere uma conotação existencial. Trata-se, afinal, de uma obra em que o termo “sertão” é repetidamente lembrado e redefinido: “O sertão é do tamanho do mundo” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 65); “O sertão é sem lugar” (p. 323). Embora tais definições sejam fundamentais para fazer o sertão transcender a geografia, também o afirmam periodicamente como um espaço vasto mas específico, cujas dimensões existenciais e geográficas coexistem e às vezes são indissociáveis. Assim, integrado ao labirinto de enredos e topônimos, o gesto constante de redefinir o sertão sublinha a sua excepcionalidade.<sup>5</sup>

Assim, o sertão rosiano combina uma projeção metafórica da alma humana em uma categoria espacial com uma reafirmação metonímica da realidade da região.<sup>6</sup> Por um lado, Guimarães Rosa, em cartas e entrevistas, falava repetidamente do sertão como o espaço por excelência de uma concepção de criação poética baseada no primado da intuição. Em carta ao seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, afirma: “você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são ‘anti-intelectuais’ — defendem o altíssimo primado da intuição, de revelação, da inspiração sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana” (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 90). Não é por acaso que a noção de metafísica de Guimarães Rosa se encontra no limiar da racionalidade, senão mesmo no domínio do irracional, do puramente intuitivo.<sup>7</sup>

275

---

Rosa modifica ligeiramente a geografia real da região para fins narrativos (BOLLE, 2006, p. 71).

<sup>5</sup> Portanto, “a escolha do sertão como lugar único da ação romanesca permite sua dilatação para além de toda a especificação espacial, sendo esta especificidade recuperada na própria absolutização do lugar contado” (FINAZZI-AGRÒ, 2001, p. 88).

<sup>6</sup> Nesse sentido, “os elementos naturais — sertão, vento, rio, buritis — se tornam personagens vivos e atuantes.” (CAVALCANTI PROENÇA, 1959, p. 159).

<sup>7</sup> Mesmo nos inúmeros estudos críticos voltados especificamente para os componentes metafísicos e místicos da obra de Guimarães Rosa, são frequentes as referências a essa ligação insistente entre elementos documentais e metafísicos. Ver, por exemplo, Kathrin Rosenfield (2006, p. 230) ou Francis Utéza (1994, p. 56).

Por outro lado, na mesma carta a Bizzarri, Guimarães Rosa insiste na “autenticidade” do sertão: “O sertão é de suma autenticidade, total. Quando eu escrevi o livro, eu vinha de lá, dominado pela vida e paisagem sertanejas. Por isto mesmo, acho, hoje, que há nele em *Grande sertão: veredas* certo exagero na massa de documentos” (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 90). Essa “massa documental” decorre do contato regular e íntimo de Guimarães Rosa com a região, bem como do estudo cuidadoso do autor da história e geografia da área, como atestado por livros e documentos sobre tópicos relacionados em sua biblioteca pessoal. A orientação documental que permeia a obra de Guimarães Rosa é, então, um componente indissociável da metafísica da linguagem que funde vida e literatura. No romance, a documentação aparece na forma de numerosas listas de topônimos, nomes de plantas e animais e descrições de hábitos locais. Também é tematizado no bloco de notas do interlocutor citadino de Riobaldo: “O senhor enche uma caderneta. [...] O senhor vê aonde é o sertão?” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 542)

276

É assim pela interdependência dos elementos documentais e metafísicos que, na poética de Guimarães Rosa, a figura do sertão torna-se capaz de unificar e absorver o leque de concepções de criação literária em jogo nos seus enunciados. Ao mesmo tempo, sua intensa exploração do termo “sertão” expandiu o já amplo leque de significados que lhe haviam sido historicamente atribuídos: suas obras aprofundaram as conotações do sertão como um espaço de vastidão, indeterminação, tensa potencialidade e eventual ameaça de incorporação por cidades ao mesmo tempo em que contribuíram para sua imagem celebratória como produtora de identidades nacionais. O Circuito Turístico Guimarães Rosa baseia-se neste amplo imaginário para orientar as expectativas do seu público.

### **Exemplo 1: Circuito Turístico Guimarães Rosa**

Desde 2001, a vila de Andrequicé, no noroeste mineiro, abriga o Museu Manuelzão, dedicado ao vaqueiro Manuel Nardi, de quem Guimarães Rosa esteve próximo durante suas viagens à região e que foi também personagem de uma de suas novelas, “Uma estória de amor” (1956). Mais de meio século depois, o pequeno centro de Andrequicé não mudou drasticamente.

No entanto, seus arredores — por onde Soropita, protagonista da novela “Dão-lalalão” (1956), vagou — não são mais formados exclusivamente por fazendas de gado, pequenas e médias plantações, buritis e veredas. Esses arredores agora estão cobertos por plantações de eucalipto, que formam um verdadeiro labirinto de fileiras perfeitamente idênticas de árvores que produzem carvão para abastecer a indústria de mineração do estado.<sup>8</sup> Essas extensas plantações de eucalipto, bem como de soja, milho e outros, mudaram a paisagem dos municípios que integram o Circuito Turístico Guimarães Rosa e daqueles que, como Andrequicé, não compõem o circuito mas estão presentes na obra do autor.

Monoculturas começaram a se expandir pelo cerrado brasileiro não muitos anos depois da publicação de *Grande sertão: veredas* quando, em 1965, uma política de crédito subsidiado estimulou a produção de grandes lavouras, notadamente soja e milho. Tal expansão também foi fomentada pelo Programa de Desenvolvimento do Cerrado (1975) e o Programa Cooperativo Brasil-Japão para o Desenvolvimento do Cerrado (1979) (KINK e MOREIRA, 2002). A soja adaptada ao clima local foi desenvolvida em colaboração com pesquisadores norte-americanos e, junto com a introdução em larga escala de pesticidas e fertilizantes (WOLFORD, 2008), preparou o cenário para o modelo do agronegócio atual. Ao contrário da Amazônia, “o cerrado nativo tinha pouco valor econômico aparente” (CAVALCANTI e JOLY, 2002, p. 351), o que resultou em uma expansão agrícola mais violenta. Embora o bioma tenha “uma fauna única e a maior diversidade de floras de savana do mundo” (KLINK e MOREIRA, 2002, p. 83),<sup>9</sup> seu desmatamento se acelerou na década de 1960 e pode resultar no desaparecimento do bioma por volta de 2030, segundo estimativas de 2004 (MACHADO et al., 2004). É no contexto dessas transformações, bem como das iniciativas de conservação discutidas mais adiante, que o turismo na área vem ganhando corpo.

Modalidades de turismo literário relacionadas à obra de Guimarães Rosa vêm se desenvolvendo na região desde a fundação do Museu Casa

---

<sup>8</sup> Ver o Relatório de 2017 da Associação Brasileira da Indústria de Árvores (Ibá) para uma análise da produção de eucalipto mineira.

<sup>9</sup> Exceto quando indicado, todas as traduções do inglês são de minha autoria.

Guimarães Rosa em 1974, localizado na casa onde o autor cresceu em Cordisburgo. No início dos anos 2000, o turismo rosiano deu uma guinada decisiva com a criação do Circuito Literário Guimarães Rosa. Criado em 2003, patrocinado pela Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais desde 2005, e popularizado durante as comemorações dos cinquenta anos de publicação de *Grande sertão: veredas* em 2006, o circuito conecta várias cidades em um esforço conjunto para aumentar o turismo literário na região. Além de fornecer informações, mapas e roteiros para turistas inspirados na obra literária de Rosa, o circuito apoia e divulga eventos e organizações ligadas a Guimarães Rosa, como as Semanas Rosianas, o Grupo Miguilins e o Grupo O Caminho do Sertão (JÁUREGUI e AYER, n.d., n.p.).

Um dos maiores desafios do circuito é certamente o de conciliar a geografia e a paisagem rosianas com as transformações ambientais que a região vem sofrendo, de modo a orientar o olhar do turista para o sertão de Guimarães Rosa dentro do perímetro do circuito. Essas tensões são evidentes no mapa do circuito fornecido aos viajantes. Combinando topônimos reais, alguns dos quais inexistentes quando as obras de Rosa foram publicadas (como Presidente Juscelino), com topônimos literários (como Liso do Sussuarão), o mapa ajuda a identificar as áreas geográficas de *Grande sertão: veredas* e *Corpo de baile* (1956) enquanto fornece aos viajantes alguns pontos de referência. Imagens de cabeças de vaca são usadas para indicar o caminho percorrido pelo autor em sua viagem de 1952. Espalhados pelo mapa, buritis evocam o estilo dos desenhos de Poty para a capa da segunda edição do romance. Ainda que vacas e buritis permaneçam presentes na região, o turista contemporâneo não poderá ignorar as plantações de soja e eucalipto mencionadas acima, cuja expansão começou muito antes da implantação do circuito, mas que estão omitidos de seu mapa e das informações de seu site. Em vez disso, o *site* do circuito atesta que

pelos caminhos do sertão podemos apreciar o engenho e a arte de viver do sertanejo; os sons das violas e dos berrantes; as festas tradicionais, religiosas e populares; cavalgadas; passeios de barco pelo rio São Francisco; capelas e fazendas; cafés sertanejos; “causos,” histórias e belas caminhadas literárias com contadores que narram trechos da obra de João Guimarães Rosa. (CIRCUITO TURÍSTICO GUIMARÃES ROSA, n.d., n.p.)

Com essa descrição enviesada, mas não totalmente imprecisa, o circuito não visa recriar a realidade do sertão de forma independente, uma hiperrealidade como a Disneylândia, os museus de cera ou a reprodução de vilas históricas nos Estados Unidos, que Umberto Eco definiu como “uma cópia ‘real’ da realidade sendo representada” (ECO, 1986, p. 4). Em vez disso, o circuito depende da disposição do viajante de ignorar os elementos do sertão atual que não se enquadram no universo rosiano. Ao enfatizar os aspectos que permanecem, o circuito cultiva um modo seletivo de percepção em que elementos rosianos ou tradicionais são enfatizados enquanto sinais de degradação ambiental são descartados. Essa nostalgia por um mundo não corrompido, portanto, não interfere tanto na realidade referencial quanto molda percepções dela. Essa atitude provavelmente não teria sido possível, no entanto, sem a posição canônica ocupada pela obra rosiana, como o paradigma de uma universalidade brasileira que perpassaria sua recepção crítica.

279

### **Entre o regional e o universal: literatura como política**

A emergência do sertão rosiano como categoria literária com impacto na realidade referencial é um processo multifacetado que envolve a história da recepção crítica de Guimarães Rosa e sua posição canônica. Já em 1946, a publicação do primeiro volume de ficção do autor, *Sagarana*, levou o crítico Álvaro Lins a comentar: “ele apresenta o mundo regional com um espírito universal de autor que tem a experiência da cultura altamente requintada e intelectualizada” (LINS, 1983, p. 239). Mesmo depois que a obra de Lins foi rejeitada pelos pioneiros da crítica literária acadêmica, universalismo e regionalismo permaneceram um par conceitual comum na crítica de Guimarães Rosa nas décadas seguintes.<sup>10</sup> Em 1970, Antonio Candido discute os avanços e as deficiências da ficção regionalista desde o século XIX até a geração de Guimarães Rosa, a qual teria logrado um superregionalismo em que “o que vemos agora, sob este aspecto, é uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as

---

<sup>10</sup> Para uma reavaliação desse ataque ao trabalho de Lins por críticos da Nova Crítica como Afrânio Coutinho, ver CASTRO ROCHA, 2011.

regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade” (CANDIDO, 1989, p. 161). Outro bom exemplo é o volume *Guimarães Rosa*, editado por Eduardo Coutinho em 1983, que continua sendo uma das antologias mais completas sobre o autor. Uma obsessão em ler *Grande sertão: veredas* como o equivalente brasileiro do *Ulysses* de James Joyce (1922) e em comparar a obra de Guimarães Rosa com outros clássicos da literatura europeia perpassa o volume, reafirmando o que os críticos consideram sua universalidade.

Esses “desejos cosmopolitas”, como Mariano Siskind denominou as maneiras pelas quais “intelectuais e textos latino-americanos articulavam a possibilidade de uma modernidade cosmopolita” (SISKIND, 2013, p. 8), são parte de um debate mais amplo sobre cosmopolitismo e universalismo versus localismo e regionalismo que marcou a literatura latino-americana no século XX. Minha intenção não é a de revisitar esse debate em detalhe, mas de mostrar como o rótulo de “universal” pode, em um caso como o de Guimarães Rosa, exercer alguma influência sobre realidades locais. Esse prestígio indiscutível, por um lado, mantém viva uma compreensão do sertão permeado pela obra de Guimarães Rosa e, por outro, dá legitimidade a projetos que visam preservar o sertão rosiano na vida real. Portanto, a singularidade do sertão do autor, validada pela crítica e aclamação internacional, é projetada de volta na realidade referencial do noroeste mineiro. Numa modalidade inversa de mimesis, é esta área que representa o sertão rosiano e não o contrário.

Tal processo não é motivado exclusivamente por um desejo nostálgico de recuperar um mundo perdido, mas visa também trazer atenção e recursos para a área e para iniciativas socioambientais. A cultura aqui se torna vantajosa, nos termos de Yúdice: “Em nossa era, as representações e reivindicações de diferença cultural são úteis na medida em que multiplicam mercadorias e capacitam a comunidade” (YÚDICE, 2003, p. 25). De forma semelhante à crítica de Silviano Santiago (2017) aos trabalhos acadêmicos sobre *Grande sertão: veredas* que tentam domesticar a complexidade monstruosa do romance, os projetos aqui em jogo também procuram, em certa medida, “domesticá-lo” para seus próprios fins. A violência do

banditismo, por exemplo, está amplamente ausente do vocabulário dessas iniciativas, assim como as discussões sobre o homoerotismo do romance, do possível pacto de Riobaldo com o diabo e, de fato, de todos os outros aspectos percebidos como potencialmente controversos. Nesse sentido, a atuação do romance na região tem sido efetiva sobretudo nos componentes ambientais que ajudou a tornar visíveis, bem como no desejo de conservar as tradições culturais locais. Esta mimesis reversa deve, conseqüentemente, ser entendida como um processo seletivo pelo qual a ficção torna visível e age sobre algumas questões estratégicas, ao invés de um efeito uniformemente abrangente.

Ao desenvolver uma compreensão do sertão a níveis geográfico e metafísico, como demonstrado anteriormente, Guimarães Rosa recria a região específica do noroeste mineiro, onde se passa a maior parte das suas obras, como uma terra de contornos vivos e profusão inesgotável. Nesse sentido, suas obras reconfiguram o papel do sertão na partilha do visível, que é, nas palavras de Jacques Rancière, “uma lei geral que define as formas de participação, definindo primeiro os modos de percepção em que se inscrevem” (RANCIÈRE, 2010, p. 36). Se a política deve ser entendida como “o aglomerado de percepções e práticas que moldam este mundo comum”, a literatura faz política na medida em que, ao estar “envolvida nesta partilha do visível e do dizível” (RANCIÈRE, 2010, p. 152), permite que dados específicos apareçam na esfera de experiência comum. Proponho que, ao tornar esta região visível e dizível nas percepções e práticas que constituem a política, Guimarães Rosa abre espaço para que surja uma dimensão política do sertão, através da qual este espaço participa no enquadramento de um polêmico “mundo comum”.

Porém, a universalidade assumida desse sertão depende da manutenção de características específicas da região, como veredas, buritis, fazendas, gado e rios. Mas como manter essas feições em um espaço como o sertão que, como notou Haruf Salmen Espindola (2005, pp. 73-4), é feito para se extinguir? Desde a publicação do romance, grandes transformações realmente ocorreram. A inauguração de Brasília apenas quatro anos depois foi um ímã previsível atraindo uma população maior para a área. Além disso, as monoculturas se expandiram, estradas foram construídas, a

barragem de Três Marias foi construída em 1961, cidades como Januária, Corinto, Curvelo e Pirapora cresceram nas décadas seguintes e, no final dos anos 1960 e 1970, migrantes do sul chegaram ao norte do estado, hoje conhecido como Chapada Gaúcha.

Ao mesmo tempo, especialmente após o fim da ditadura militar em 1985, essa visibilidade do sertão mineiro através da ficção de Guimarães Rosa resultou em uma série de esforços passados e contínuos com impactos sociais e ambientais na região. Esses esforços não dependem da obra de Guimarães Rosa para sua existência, nem a área necessariamente estaria desprovida de projetos de conservação de outra forma. Ainda assim, eles contam com o prestígio do autor como uma justificativa simbólica para sua existência. Constituem uma homenagem a um autor local, mas o nível de influência exercido por sua obra torna essas ações mais do que meras homenagens. Em muitos casos, eles entendem o sertão visível e dizível da ficção como um parâmetro do que deveriam ser as realidades sociais e ambientais.

282

Mostrar que a ficção pode ter um impacto tão concreto na área em que se passa significa ir além da política da literatura. Mais do que quebrar as barreiras entre arte e vida ou encarar a arte como forma de vida, como propunha Guimarães Rosa, a dinâmica aqui delineada ressalta a agência de sua obra na medida em que ela afeta políticas sociais e ambientais. Mais do que representar a realidade, a ficção se torna o ponto final da realidade.<sup>11</sup>

O circuito turístico acima descrito é um primeiro exemplo de como os leitores e admiradores de Guimarães Rosa têm de negociar as inúmeras contradições decorrentes, por um lado, do desejo de ver a paisagem literária tal como era quando as suas obras foram escritas e, por outro, das evidências de inúmeras transformações que alteraram irrevogavelmente a realidade referencial da região. Em contraste com o circuito turístico, os projetos descritos nas seções seguintes se propõem não tanto a moldar o olhar do observador, mas a intervir de fato nessas realidades. Um dos empreendimentos de maior sucesso é o Projeto Manuelzão.

---

<sup>11</sup> Este é um caso em que as manifestações de nostalgia vão além de suas tonalidades potencialmente reacionárias para efetivamente promover mudanças sociais e ambientais, como LADINO (2012) demonstrou.

**Exemplo 2: Projeto Manuelzão**

Lançado em janeiro de 1997 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e contando com o apoio do próprio Manuel Nardi, que faleceria poucos meses depois, o Projeto Manuelzão tinha como objetivo inicial a melhoria das condições sanitárias da bacia do Rio das Velhas por meio da promoção de ações antipoluição, saúde pública e educação ambiental. Desde então, seu escopo tem se ampliado por meio de uma série de projetos multidisciplinares e parcerias com outros institutos dentro e fora da UFMG, bem como com governos municipais e estaduais. Entre as principais atividades e projetos patrocinados pelo Projeto Manuelzão está o Núcleo Transdisciplinar e Transinstitucional pela Revitalização da Bacia do Rio das Velhas, também conhecido como NuVelhas, que fomenta “atividades de pesquisa de diversas áreas como biomonitoramento, o geoprocessamento e recuperação de matas ciliares” (PROJETO MANUELZÃO, 2017, n.p.); ou os Núcleos Manuelzão, que oferecem fóruns de discussão referentes “à gestão das águas, à educação ambiental e, também, participam da formulação e avaliação de políticas públicas por bacia hidrográfica” (ibid.). Desenvolve-se também uma série de iniciativas voltadas para alunos e professores, além de cursos como Capacitação em Gestão de Projetos, Treinamento em Biomonitoramento, e Capacitação em Educação Ambiental. Desde 2005 o projeto também recebe o FestiVelhas, festival cultural que inclui poesia, teatro, música e oficinas. Em parceria com a Escola de Comunicação da UFMG, o projeto patrocina ainda a *Revista Manuelzão*.

Longe de ignorar as mudanças ambientais que a região enfrenta, o Projeto Manuelzão se dedica a pesquisá-las, trazê-las ao conhecimento público e propor ou desenvolver intervenções. O FestiVelhas e outras atividades culturais, neste sentido, mostram como os temas e tradições regionais dialogam com a urbanização, a poluição, a expansão da monocultura, etc. Em outras palavras, uma série de processos de hibridização, para usar a terminologia de Néstor García Canclini (2005),

moldam a noção de cultura que o Projeto Manuelzão busca transmitir.<sup>12</sup> O sertão rosiano é invocado como parte dessa cultura híbrida e serve simbolicamente como parâmetro ambiental a partir do qual o projeto atua.

Manuelzão, neste caso, reúne o sertão ficcional de Guimarães Rosa e as transformações reais vividas na região. Afinal, o vaqueiro viveu trinta anos a mais que Guimarães Rosa e viu a paisagem mudar de uma forma que o próprio autor provavelmente teria dificuldade em imaginar. A amizade de ambos é relembrada desde o primeiro número da *Revista Manuelzão* e retomada em documentos posteriores. Por exemplo, o coordenador do projeto, Apolo Heringer Lisboa, explica em 2005 a escolha de Manuelzão como patrono:

[Manuelzão] vivera no sertão mineiro, conhecendo o cerrado antes dos cortes para a produção do carvão das usinas siderúrgicas e do desmatamento generalizado para o plantio de eucaliptais, soja e outras monoculturas extensivas. Abominava esse tipo de progresso sem conservação, que aniquila as veredas, a fauna dos Gerais, desfigurando suas características naturais e o modo de vida sertanejo. A linguagem de outro sertanejo, João Guimarães Rosa, é toda impregnada da relação homem natureza e o contador de histórias Manuelzão materializava essa situação e linguagem. Conheceu veredas no grande sertão e a força das águas do São Francisco com seus peixes, e não aceitava a destruição desses ecossistemas. (LISBOA, 2005, p. 55)

284

A dramática situação dos sertões do noroeste mineiro materializa-se assim na figura de Manuelzão, que se encontra no limiar entre os sertões passado e presente, entre a personagem ficcional e a pessoa real que “abominava” o desmatamento de sertões reais. A figura de Manuelzão funciona, neste caso, como algo próximo ao embaixador tanto de uma realidade que persiste na ficção quanto de um ambiente que gradativamente desaparece na vida real. Assim, a dupla existência de Manuelzão — na ficção e na realidade — torna-se um meio poderoso para promover o tipo de iniciativas locais fomentadas pelo projeto.

### Visões Ambientais de Riobaldo

Voltemos brevemente ao romance. Embora Guimarães Rosa não possa ser considerado ambientalista no sentido contemporâneo do termo, a noção de

---

<sup>12</sup> Eu uso a noção de culturas híbridas de García Canclini de uma forma ampla, a fim de abranger os fatores e esforços ambientais mencionados.

mudança ambiental não esteve completamente ausente de seus escritos. Ainda que algumas transformações apareçam com mais clareza nos contos sobre a construção de Brasília, como as “As margens da alegria” e “Os cimicos”, Riobaldo relata mudanças ocorridas de sua juventude até o momento da narração. Crescimento urbano, integração econômica estadual e nacional, construção de estradas, eleição de parlamentares sertanejos, iniciativas empresariais, presença crescente de militares, juízes e policiais: apesar de parecer um microcosmo isolado e autossuficiente, o sertão estava fadado a se desfazer em um futuro não muito distante.<sup>13</sup>

Tais transformações, entretanto, são distintas no presente e no passado da narrativa. Ao descrever o passado, o narrador retrata a tensa integração do sertão à nação em níveis principalmente político e militar. Embora incorporem as intenções federais de estabelecer algum controle sobre o sertão, os soldados que ocasionalmente intervêm nos conflitos dos jagunços são frequentemente incapazes de compreender os conflitos internos da área. Por exemplo, quando, após o julgamento de Zé Bebelo, “aquela soldadama viera para o Norte era por vingar Zé Bebelo” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 276), os soldados inadvertidamente acabam lutando contra o homem que deveriam defender: “Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado?” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 276). Outra força motriz dessas transformações é o desejo que alguns personagens, principalmente o mesmo chefe Zé Bebelo, expressam pela representação política nos níveis estadual e federal por meio da eleição de deputados e da criação de um quase oximorônico “sertão nacional” (p. 80).

Curiosamente, quando Riobaldo menciona as transformações pelas quais o sertão está passando na narrativa presente, após haver deixado a vida jagunça, as principais mudanças são ambientais e decorrem do crescimento urbano: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?” (p. 152) ou “Diz-se que o Governo está mandando abrir boa

---

<sup>13</sup> Para uma leitura de *Grande sertão: veredas* como romance urbano, ver BOLLE, 1994-95.

estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí” (p. 23). Não surpreende que o personagem se preocupasse mais com a presença militar no passado, quando os soldados afetavam diretamente suas atividades como jagunço. No entanto, tais preocupações são gradativamente substituídas pela consciência de um processo irreversível de crescimento urbano. Guimarães Rosa estava ciente dessas mudanças e as menciona em algumas de suas notas, como demonstra Mônica Meyer (2008, p. 127).

O encolhimento do sertão é, portanto, retratado como um processo que começa com a ocupação do território pelas forças militares para inibir os jagunços e continua com a construção de estradas e a expansão das cidades, projetos que sinalizam o fim do sertão como um microcosmo alheio à modernização. Como nota Zé Bebelo, “Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas” (p. 119). Enquanto as mudanças ambientais provocadas por pontes e fábricas acompanham mudanças sociais mais amplas na saúde e na educação, a pobreza que a integração nacional do sertão pretende superar precisa ser “preenchida”. Essa escolha lexical alude à visão do sertão como um espaço vazio a ser preenchido tão prevalente nas justificativas para a construção de Brasília e ocupação do oeste. O subdesenvolvimento é entendido então como uma condição de carência que deve ser preenchida com projetos de modernização. Contrapondo-se a essa visão de Zé Bebelo está o parque nacional.

286

### **Exemplo 3: Parque Nacional Grande Sertão Veredas**

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas foi criado em 1989, em meio à redemocratização do país. Embora vários parques nacionais no cerrado tenham sido estabelecidos no período da inauguração de Brasília e no ano seguinte, a maioria foi fundada em meados da década de 1980 ou depois.<sup>14</sup> Dentre estes parques, Grande Sertão Veredas se destaca por sua missão singular de emular a paisagem de uma narrativa ficcional, um objetivo não

---

<sup>14</sup> Para um panorama das políticas de conservação no cerrado, ver Ganem, Drummond e Franco, 2013.

apenas expresso no nome do parque, mas repetido em documentos e relatórios oficiais.<sup>15</sup> Uma iniciativa independente do Circuito Turístico Guimarães Rosa, o parque está localizado ao norte das cidades que compõem o circuito, na fronteira entre Minas Gerais e Bahia, expandindo, portanto, o alcance geográfico da presença rosiana no estado.

Um dos mais emblemáticos desses documentos é o extenso Plano de Manejo do parque, que detalha a história e as características geofísicas da região, sua flora, fauna e as direções futuras do parque. Produzido em 2003, antecede em cerca de um ano a expansão da área do parque em 2004. As referências frequentes a Guimarães Rosa e seu trabalho no Plano de Manejo são sintomáticas de sua presença no parque. O relatório assinala que “Toda esta região é amplamente citada na obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*” (ESPÍRITO SANTO, 2003, p. 32); e que “O cenário do romance é o norte de Minas e mais especificamente os cerrados das margens direita e esquerda do Rio São Francisco, fontes de tipologias para conhecer-se quase todas preservadas no Parque Nacional” (p. 48). Não é de estranhar, neste caso, que uma descrição do uso dos recursos hídricos na área seja reforçada com a frase “conforme registrado na literatura de Guimarães Rosa” (p. 78), ou que o primeiro item de uma lista de “Objetivos específicos do Parque Nacional Grande Sertão Veredas” seja “Conservar a paisagem dos Gerais, cenário da obra de Guimarães Rosa, com destaque para as exuberantes veredas” (p. 167). Adicionalmente às referências ao longo do plano à literatura de Guimarães Rosa e seu papel na determinação de como a área deve ser vivida e conservada, a seção intitulada “Aspectos culturais e históricos” fornece uma breve história da área do século XVII até o período em que o romance se passa, seguido por um estudo do próprio *Grande sertão: veredas*.

Essa rica contextualização histórica e cultural da região em um Plano de Manejo é, portanto, permeada por um desejo de fazer com que a paisagem do parque represente tanto quanto possível a ficção de Guimarães Rosa. Um primeiro problema que se coloca é a própria categoria de parque

---

<sup>15</sup> Esta missão também informa algumas atividades turísticas no entorno do parque. Por exemplo, o guia local Elson Barbosa conhece de cor longos trechos da obra de Guimarães Rosa, que recita para turistas e comunidades locais.

nacional, que exclui os habitantes humanos de sua área. Sua remoção é apenas o episódio mais recente de uma série de restrições de acesso à terra que a população local — os veredeiros — sofre desde a década de 1970. Geraldo Martins (2011) identifica quatro momentos nesse processo. O primeiro é essencialmente a situação em que se passa o romance, em que grandes extensões de terras não ocupadas servem de pasto. Em segundo lugar, em 1966, quando o governo estadual estabeleceu a Fundação Rural Minas, essas áreas começaram a ser privatizadas em programas generosos para migrantes e empresários que geraram uma forte expansão das monoculturas. Ao mesmo tempo, a Rural Minas participou da criação do Programa de Assentamento do Vale das Araras (PADSA), que trouxe migrantes do sul do Brasil para o noroeste de Minas Gerais, aumentando a densidade demográfica na área.

288

O terceiro momento começou com a criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas em 1989. Ainda que a Fundação Pró-Natureza, que defendia a criação do parque desde 1986, se preocupasse principalmente com a rápida disseminação da soja extensiva, o parque ironicamente excluía os veredeiros que já ali viviam. Muitos foram embora gradualmente na década seguinte e, conforme descrito no Plano de Manejo, de 1997 a 2002 foi desenvolvida uma iniciativa para remover esses veredeiros, resultando no processo de reassentamento que marca o que Martins classifica como o quarto momento. No entanto, em junho de 2003, como indica o plano, apenas 21% da área do parque havia sido restaurada (ESPÍRITO SANTO, 2003, p. 141).

O longo processo de implantação do parque põe em relevo o conflito entre as populações locais e as áreas de conservação desde o surgimento dos parques nacionais. De um lado, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas visa restaurar os ambientes que caracterizavam a região na época de Guimarães Rosa, antes das transformações iniciadas na década de 1960. De outro, parques nacionais são espaços por excelência sem habitantes humanos. Tal ausência está na raiz de algumas contradições que transparecem em estudos clássicos sobre parques nacionais. Roderick Nash (1970), por exemplo, defende que a democracia dos Estados Unidos foi crucial para a criação de parques nacionais em sua forma atual, mas não

nota que essa democracia parece incluir turistas de classe média que visitam os parques, ao passo que exclui as populações locais, muitas vezes indígenas. Esses deslocamentos, nem sempre realizados de maneira justa ou pacífica, tiveram um efeito profundo na vida desses habitantes. Apesar do impacto ambiental do turismo, os parques nacionais geralmente se pautam por uma ideia romântica de uma natureza intocada, que obscurece o que Marcus Colchester chamou de “triste verdade que os conservacionistas só recentemente passaram a admitir, [que] é que o estabelecimento da maioria dos parques nacionais e áreas protegidas teve efeitos negativos sobre seus habitantes anteriores” (COLCHESTER, 2013, p. 103). O Brasil adotou parcialmente, embora nem sempre tenha cumprido, o modelo norte-americano nas primeiras décadas após a criação de seus primeiros parques nacionais.<sup>16</sup> Segundo Frederico Freitas (2017), no entanto, a expulsão de moradores locais só começou de forma sistemática no Brasil na década de 1970, no Parque Nacional do Iguaçu, criado em 1939. Com o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros de 1979, explica José Augusto Drummond (2016), uma grande reestruturação do sistema de parques nacionais brasileiros levou a um maior controle das unidades de conservação.

O caso do Grande Sertão Veredas tem sido de ampliação da área do parque, construção limitada mas em expansão de infraestrutura para turismo e pesquisa científica, e mais notadamente para a presente discussão, uso crescente do trabalho de Guimarães Rosa para mediar a experiência dos visitantes. A primeira trilha para turistas, inaugurada em 2015, é pontuada por placas com passagens do *Grande sertão: veredas*. No que pode parecer o equivalente inverso do desejo do autor de trazer materialmente o suor dos cavalos e as folhas esmagadas para seus blocos de notas, aqui o ambiente textual é literalmente inscrito no real, como se para afirmar a mimesis reversa em que o sertão real representa o ficcional.

Como tal, este parque pretende recriar uma paisagem original que, de fato, invoca duas origens contrastantes: uma época anterior à presença

---

<sup>16</sup> Para uma defesa de uma compreensão das políticas de conservação do estado que vai além do modelo norte-americano, ver von Hardenberg et al. (2017).

humana e a época da obra de Guimarães Rosa. Tornando visível este contraste, os veredeiros e a sua remoção demonstram o quão problemático é imitar uma paisagem ficcional marcada pela presença humana com a ferramenta conceptual de um parque nacional. Significativamente, o plano de manejo dedica páginas às culturas locais enquanto narra o próprio processo de retirada das mesmas do parque. Ao mesmo tempo, a infraestrutura turística existente insere representações textuais de ambientes ficcionais em ambientes reais. O romance, portanto, opera como uma espécie de cavalo de Tróia: se, por um lado, fornece um modelo de paisagem que os administradores do parque devem seguir, por outro, enfraquece a própria premissa de espaço vazio e intocado de que o parque depende.

### **A literatura como agente**

290

Podemos perguntar-nos até que ponto as obras de Guimarães Rosa são capazes de influenciar essas iniciativas. Afinal, sua leitura não é realmente um pré-requisito para participar desses contextos, e é bem possível que a maioria dos trabalhadores envolvidos nesses projetos nunca tenha aberto um livro de Guimarães Rosa.<sup>17</sup> No entanto, esses projetos buscam não só melhorar essas realidades social e ambiental, mas também imitar os sertões ficcionais. Entrevê-se aqui um duplo processo, no qual uma desestetização da obra de Guimarães Rosa leva a uma mudança social e ambiental por meio desses projetos, que posteriormente resultam na reestetização do sertão de hoje moldado por eles.

A desestetização, simplesmente, pressupõe que o imaginário vinculado à obra de Rosa pode afetar a realidade referencial independente do quão lida seja a obra de Guimarães Rosa por aqueles que pertencem a essa realidade. Analisando a diversidade de funções da arte para além da estética ocidental, a teoria antropológica da arte de Alfred Gell a define como “o resultado e / ou o instrumento da agência social” (GELL, 1998, p. 15). Artefatos passam a ter impactos sociais, pois “quem permite que sua

---

17 Rosa Amélia Pereira da Silva (2014) observou que as populações locais do Vale do Urucuia, que faz parte da geografia de *Grande sertão: veredas*, raramente leram a obra de Guimarães Rosa, apesar de muitas vezes conhecerem seu nome e as histórias de suas obras.

atenção seja atraída para um índice e se submeta ao seu poder, apelo ou fascínio, é um paciente, respondendo ao agenciamento inerente ao índice. Esta agência pode ser física, espiritual, política, etc., bem como ‘estética’” (p. 31). O poder estético de uma obra é, então, apenas uma das dimensões através das quais ela pode exercer agência não apenas sobre os próprios espectadores e artistas, mas também sobre objetos ou contextos representados por artefatos. Por representação, Gell significa artefatos miméticos, como uma pintura realista, e artefatos que representam outra coisa, como um objeto não mimético — uma pedra, por exemplo — que representa um deus: “As ideias de ‘representar’ (como uma imagem) e ‘representar’ (como um embaixador) são distintas, mas interconectadas” (p. 98). Apesar da ênfase ocidental no primeiro, ambos são igualmente capazes de agir.

291

Num processo que abarca e vai além do papel dos sertões rosianos na partilha do sensível, uma compreensão de *Grande sertão: veredas* como capaz de se tornar um agente social implica justamente uma abstração provisória de sua dimensão estética em favor de sua função diplomática no noroeste mineiro contemporâneo. O romance atuando nessas situações é menos uma obra literária a ser lida por uma coletividade do que um objeto imbuído de certo poder que inspira e define padrões de ação na vida real. Os agentes humanos que trabalham ou participam das iniciativas acima descritas, apesar de potencialmente nunca terem lido o romance de Guimarães Rosa, adotam-no como representação, no sentido mimético e diplomático, do sertão que procuram conservar ou restaurar.

Topônimos, personagens e paisagens se cruzam e tecem as muitas camadas — imaginárias, ficcionais, reais ou desejadas — da área em questão. Entre a profusão de topônimos nas obras de Guimarães Rosa estão os que, compondo o circuito turístico, são os sinais mais proeminentes de uma vasta teia de topônimos, a maioria dos quais já perdidos ou sempre ficcionais, que o leitor/viajante pode tentar descobrir. Algo semelhante se dá no Projeto Manuelzão, cuja noção mais complexa de representação envolve um conjunto de ações em diferentes domínios, todas elas com o objetivo de “manter vivo” o mundo social, cultural e ambiental de Guimarães Rosa, seja por meio de iniciativas para manter o Rio das Velhas limpo, seja por meio

de apresentações teatrais de obras do autor. Não é por acaso que o projeto se denomina Manuelzão, em homenagem ao homem que foi, talvez, o mais bem sucedido na transição entre uma realidade que imita e uma mimesis realista. Por fim, o Parque Nacional do Grande Sertão Veredas evidencia uma preocupação não tanto com a presença humana, mas com as particularidades geofísicas, botânicas e animais que compõem a paisagem das veredas no sertão mais amplo. Em todos esses casos, a influência que as obras de Guimarães Rosa exercem sobre a área, correspondentemente, repercute na direção oposta, e essas tentativas de manter o sertão como estava de fato criam novas formas de vivenciá-lo esteticamente. Os admiradores da obra de Guimarães Rosa, que são sobretudo mas não exclusivamente seus leitores, podem buscar esse “terceiro espaço”, remetendo ao conceito de Edward Soja (2000), que reúne realidades ficcionais, imaginadas e referenciais em um todo cujas partes exigem negociação constante, mas pode ser recomposto como o sertão de Guimarães Rosa.

292

Se as inúmeras mudanças por que passa a região comprometem progressivamente esta reconstrução mimética do sertão ficcional na região geográfica real, a existência de projetos, viagens e outras iniciativas concretas atesta a resiliência da paisagem rosiana. A agência das obras de Guimarães Rosa produziu consequências positivas nos resultados reais de tais projetos, ao mesmo tempo que tenta manter viva uma determinada ideologia geográfica, como Antonio Robert de Moraes (2009) classificou o termo “sertão”, sempre a ponto de desaparecer.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, Davi. “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 40, p. 7–29, 1994.

AYER, Flávia; JÁUREGUI, Carlos. “Miguilins: muita estória pra contar”. *Projeto Manuelzão*, n. d.. Disponível em: <http://www.manuelzao.ufmg.br/festivelhas1/salaimprensa/miguilim.htm>. Acesso em: 15 dec. 2017.

BOLLE, Willi. “Grande sertão: Cidades”. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 80–93, 1994-95.

\_\_\_\_\_. *grandesertão.br*. São Paulo: Ed. 34, Duas Cidades, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140–62.

CAVALCANTI, Roberto B.; JOLY, Carlos A. “Biodiversity and Conservation Priorities in the Cerrado”. In: OLIVEIRA, Paulo; MARQUIS, Robert. (Org.). *The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. New York: Columbia University Press, 2002. p. 351–67.

CAVALCANTI PROENÇA, Manoel. “Trilhas no Grande Sertão”. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p. 151–241.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

*Circuito Turístico Guimarães Rosa*. Disponível em: <http://circuitoguimaraesrosa.com.br>. Acesso em: 15 dec. 2017.

COLCHESTER, Marcus. “Salvaging Nature: Indigenous Peoples and Protected Areas”. In: GHIMIRE, Krishna; PIMBERT, Michel. (Org.). *Social Change and Conservation*. New York: Earthscan, 2013. p. 97–130.

COUTINHO, Eduardo de Faria. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DRUMMOND, José Augusto. “From Randomness to Planning: The 1979 Plan for Brazilian National Parks”. In: HOWKINS, Adrian; ORSI, Jared; FIEGE, Mark. (Org.). *National Parks beyond the Nation: Global Perspectives on America’s Best Idea*. Norman: University of Oklahoma Press, 2016. p. 210–234.

ECO, Umberto. “Travels in Hyperreality”. In: *Travels in Hyperreality: Essays*. Tradução William Weaver. San Diego: Harcourt Brace, 1986. p. 3–58.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Rio Doce: EdUnivale, 2005.

ESPÍRITO SANTO, Cesar Victor do (Dir.). *Plano de manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas*. Brasília: IBAMA/Funatura, 2003. Disponível em: [www.ibmbio.gov.br](http://www.ibmbio.gov.br). Acesso em 15 dec. 2017.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

FREITAS, Frederico. “Ordering the Borderland: Settlement and Removal in the Iguacu National Park, Brazil, 1940s– 1970s”. In: HARDENBERG, Wilko von; KELLY, Matthew; LEAL, Claudia; WAKILD, Emily. (Org.). *The Nature State: Rethinking the History of Conservation*. London: Routledge, 2017. p. 158–75.

GANEM, Roseli Senna; DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luiz. “Conservation Policies and Control of Habitat Fragmentation in the Brazilian Cerrado Biome”. *Ambiente e Sociedade*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 99–118, 2013.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Tradução Christopher L. Chiappari e Silvia L. Lopez. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GUIMARÃES ROSA, João. “Pedro Bloch entrevista Guimarães Rosa”. In: BLOCH, Pedro. *Bloch entrevista: vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1989. p. 99–103.

\_\_\_\_\_. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas*. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

294

HARDENBERG, Wilko von; KELLY, Matthew; LEAL, Claudia; WAKILD, Emily. (Org.). *The Nature State: Rethinking the History of Conservation*. London: Routledge, 2017.

KLINK, Carlos; MOREIRA, Adriana. “Past and Current Human Occupation, and Land Use”. In: OLIVEIRA, Paulo; MARQUIS, Robert. (Org.). *The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. New York: Columbia University Press, 2002. p. 69–88.

LADINO, Jennifer. *Reclaiming Nostalgia: Longing for Nature in American Literature*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.

LINS, Álvaro. “Uma grande estreia”. In: COUTINHO, Eduardo de Faria. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 237–242.

LISBOA, Apolo Heringer. “Imaginário do Projeto Manuelzão”. In: GOULART, Eugênio. (Org.). *Navegando o Rio das Velhas: Das Minas aos Gerais*. Belo Horizonte, Brazil: Instituto Guaicuy, 2005. p. 53–71.

LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo de Faria. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 62–97.

MACHADO, Ricardo; NETO, Mário Ramos; PEREIRA, Paulo Gustavo; CALDAS, Eduardo; GONÇALVES, Demerval; SANTOS, Nazareno; TABOR, Karyn; STEININGER, Marc. “Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro”.

*Conservação Internacional*, Brasília, Junho 2004. Disponível em: <http://cmbbc.cpac.embrapa.br/RelatDesmatamCerrado%20CIBrasil%20JUL2004.pdf>. Acesso em: 18 dec. 2017.

MARTINS, Geraldo Inácio. *As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, norte de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pós-Graduação em Geografia, Federal Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2011.

MEYER, Monica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MORAES, Antonio Robert. “O sertão: um ‘outro geográfico’”. In: *Geografia histórica do Brasil: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica*. Rio de Janeiro: Annablume, 2009. p. 87–101.

NASH, Roderick. “The American Invention of National Parks”. *American Quarterly*, Baltimore, v. 22, no. 3, p. 726–735, 1970.

PEREIRA DA SILVA, Rosa Amélia. *Nesta água que não para: Leitura de João Guimarães Rosa no Vale do Urucuia*. 2014. Tese (Doutorado em Literatura) – Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, 2014.

*Projeto Manuelzão*. Disponível em: <http://www.manuelzao.ufmg.br>. Acesso 15 dec. 2017.

295

RANCIÈRE, Jacques. *Dissensus: On Politics and Aesthetics*. Tradução Steven Corcoran. New York: Continuum, 2010.

“Relatório Ibá 2017”. *Indústria Brasileira de Árvores*. Disponível em: [www.iba.org/images/shared/Biblioteca/IBA\\_RelatorioAnual2017.pdf](http://www.iba.org/images/shared/Biblioteca/IBA_RelatorioAnual2017.pdf). Acesso em 16 dec. 2017.

ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

ROWLAND, Clara. *A forma do meio: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa*. Campinas: Unicamp, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2017.

SARAMAGO, Victoria. “Birds, Rivers, Book: Material Mimesis in João Guimarães Rosa’s *Grande sertão: veredas*”. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 57, n. 1, p. 125-149, 2020.

\_\_\_\_\_. *Fictional Environments: Mimesis, Deforestation, and Development in Latin America*. Evanston: Northwestern University Press, 2021.

SISKIND, Mariano. *Cosmopolitan Desires: Global Modernity and World Literature in Latin America*. Evanston: Northwestern University Press, 2014.

SOJA, Edward W. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*. Oxford: Blackwell, 2000.

UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão*. Tradução José Carlos Garbuglio. São Paulo: EdUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1974.

WOLFORD, Wendy. “Environmental Justice and Agricultural Development in the Brazilian Cerrado”. In: CATTUTHERS, David. (org.). *Environmental Justice in Latin America: Problems, Promise, and Practice*. Cambridge: MIT Press, 2008. p. 213–238.

YÚDICE, George. *The Expediency of Culture: Uses of Culture in the Global Era*. Durham: Duke University Press, 2003.

**Resumo:** Poucos romances brasileiros tiveram tanta repercussão como *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, que permanece, em muitos sentidos, a epítome de uma longa tradição intelectual e reflexão literária sobre os sertões brasileiros. Este artigo investiga alguns dos modos pelos quais o romance funcionou como agente social e ambiental, inspirando projetos de conservação no estado de Minas Gerais e, desta maneira, estabelecendo parâmetros simbólicos acerca de como a realidade do noroeste do estado deveria ser. Para isso, o artigo analisa projetos que buscam explicitamente recriar e evocar o ambiente do romance: o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o Circuito Turístico Guimarães Rosa e o Projeto Manuelzão. Ao mostrar como as obras literárias podem ter um impacto nas realidades referenciais em que se baseiam, este artigo explora desde uma nova perspectiva a convergência entre ficção e conservação ambiental.

**Palavras-chave:** *Grande sertão: veredas*, Meio ambiente, Ficção

**Abstract:** Few Brazilian novels have been as influential as *Grande sertão: veredas* [The Devil to Pay in the Backlands] (1956), by João Guimarães Rosa. In many senses, *Grande sertão: veredas* epitomizes a long tradition of intellectual and literary reflection on the country's backlands. This talk investigates some ways in which this novel has functioned as a social and environmental agent by inspiring a number of conservationist projects in the Brazilian state of Minas Gerais and setting symbolic standards for what the northeastern reality should be. It does so by analyzing projects that explicitly attempt to recreate and evoke the novel's settings: the Grande Sertão Veredas National Park, the Guimarães Rosa Touristic Circuit, and the Manuelzão Project. By showing how literary works can have an impact on the realities they depict, this talk seeks to explore from a new angle the convergence between fiction and environmental conservation.

**Keywords:** *Grande sertão: veredas*, Environment, Fiction